



FORMAR COM AMOR: O DESAFIO DE COMBATER A NEGLIGÊNCIA ESCOLAR

Ana Julia Bittencourt Mainardes¹
Larissa Rosa Machado²
Marjorie Pelik Kempe Camargo³
Rebeca Vasconcelos Dias⁴
Tafne Vitória Dos Santos Galvão⁵

Resumo: Este estudo analisa os impactos da negligência escolar no desenvolvimento de adolescentes entre 15 e 17 anos, período marcado por transformações cognitivas, emocionais e sociais. Busca-se compreender como a ausência de escuta, acolhimento e vínculo por parte dos professores afeta a autoestima, a motivação e o desempenho acadêmico. Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e estudo de campo, realizado mediante observação em uma instituição de ensino, com o intuito de captar as percepções dos alunos sobre o ambiente escolar. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Freud, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Carl Rogers e Skinner, que ressaltam a importância da empatia, do afeto e da escuta ativa na educação. Os resultados evidenciam que a negligência, mesmo quando não intencional, contribui para a evasão escolar, a desmotivação e o sofrimento psíquico. Conclui-se que o enfrentamento desse problema exige ações integradas entre escola, família e comunidade, bem como políticas públicas que promovam uma educação acolhedora e transformadora.

Palavras-chave: Adolescência; Negligência Escolar; Escuta Ativa; Educação Humanizadora; Desenvolvimento Integral.

Abstract: This study analyzes the impacts of school neglect on the development of adolescents aged 15 to 17, a period marked by cognitive, emotional, and social transformations. It seeks to understand how the absence of listening, care, and connection on the part of teachers affects students' self-esteem, motivation, and academic performance. Adopting a qualitative approach, the research was conducted through a literature review and field study based on classroom observation in an educational institution, aiming to capture students' perceptions of the school

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <anabittencourt737@gmail.com.br>

² Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <larissarosamachado2004@gmail.com>

³ Professora do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <mpkcamargo@gmail.com>

⁴ Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <rebecavasconcelos1808@gmail.com>

⁵ Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFATEB, campus Telêmaco Borba – e-mail: <tafnedossantos2020@gmail.com>



environment. The theoretical framework is grounded in authors such as Freud, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Carl Rogers, and Skinner, who emphasize the importance of empathy, affection, and active listening in education. The results show that neglect, even when unintentional, contributes to school dropout, lack of motivation, and psychological distress. It is concluded that addressing this issue requires integrated actions among schools, families, and communities, as well as public policies that foster a welcoming and transformative education.

Key-words: Adolescence; School Neglect; Active Listening; Humanizing Education; Holistic Development.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge da necessidade de compreender de que maneira as escolas podem acolher de forma mais eficaz adolescentes com idades entre 15 e 17 anos, estudantes do Ensino Médio. Essa etapa da vida é caracterizada por transformações significativas, dúvidas, descobertas e intenso processo de construção identitária. O objetivo deste artigo é discutir estratégias de atuação junto aos adolescentes, considerando episódios de negligência observados por alguns professores, e identificar formas de apoio mútuo entre educadores e educandos.

Nessa faixa etária, os adolescentes vivenciam profundas mudanças cognitivas, hormonais e emocionais, buscando reconhecimento, valorização e compreensão. A escola, nesse contexto, assume papel fundamental não apenas como espaço de ensino, mas também como ambiente de cuidado, escuta e acolhimento. Este estudo propõe, portanto, uma reflexão sobre como aprimorar a convivência e a comunicação entre alunos e professores, visando à construção de um ambiente escolar mais positivo e humanizado.

A experiência cotidiana com adolescentes evidencia que muitos percebem pais e professores como figuras autoritárias ou distantes, especialmente quando se sentem incompreendidos ou pressionados. Tal percepção reforça a necessidade de relações mais dialógicas e empáticas no ambiente escolar. Cabral, Carvalho e Ramos (2004) identificaram dificuldades na relação entre alunos do ensino fundamental e seus professores, destacando atitudes autoritárias, ausência de diálogo, desatenção docente, impaciência, transferência de frustrações para os estudantes, além da



vergonha dos alunos em se expressar e da desorganização nas aulas como entraves à aprendizagem.

A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se nas contribuições de autores como Freud, Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, cujas reflexões possibilitam compreender o desenvolvimento dos adolescentes e a importância da escuta sensível, do afeto e da parceria entre escola e família. Mais do que transmitir conteúdos, propõe-se uma prática pedagógica centrada no cuidado, acolhimento e respeito às individualidades, promovendo uma escola significativa e humanizadora.

A pesquisa foi realizada por meio de investigação de campo em três instituições de ensino, identificadas como escolas A, B e C, complementada por levantamento bibliográfico. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, que busca analisar as questões propostas a partir da realidade observada. A escuta sensível, conforme discutido por Vygotsky (2007), permite compreender o desenvolvimento humano como um processo situado social e culturalmente, no qual as interações desempenham papel central. A análise das práticas escolares observadas objetiva identificar possibilidades de transformação do cotidiano educativo, em direção a uma educação mais crítica, inclusiva e humanizada.

Dessa forma, ao considerar as práticas pedagógicas e a qualidade das interações entre docentes e adolescentes, esta pesquisa contribui para a construção de um ambiente educativo pautado na empatia, no diálogo e no acolhimento.

2. COMPREENDENDO A NEGLIGÊNCIA: QUANDO O CUIDADO É OMITIDO

A negligência constitui a forma mais frequente de violação de direitos contra crianças e adolescentes no Brasil, sendo a mais denunciada ao Disque 100 desde 2012 (Ministério Público de Santa Catarina, 2021). Apesar da recorrência, trata-se de um tema ainda pouco debatido, e a ausência de clareza conceitual contribui para que diferentes modalidades de negligência e seus impactos não sejam reconhecidos. Essa omissão manifesta-se de diversas formas, comprometendo diretamente o desenvolvimento físico, emocional e educacional de crianças e adolescentes.

A negligência física ocorre quando os responsáveis deixam de atender às



necessidades básicas de saúde, alimentação, higiene e vestuário, ou quando a criança é deixada sem supervisão por períodos prolongados. Nesse contexto, podem surgir consequências como desnutrição, atraso no crescimento, maior vulnerabilidade a doenças e acidentes domésticos graves. Já a negligência emocional caracteriza-se pela ausência de afeto, atenção e suporte emocional, aspectos fundamentais para o desenvolvimento equilibrado, podendo resultar em baixa autoestima, depressão, dificuldades de aprendizagem, envolvimento com álcool e drogas, comportamentos agressivos ou autodestrutivos, além de risco de suicídio. Por não deixar marcas visíveis, é a forma mais difícil de ser identificada.

A negligência educacional manifesta-se na ausência de acesso à formação intelectual e moral adequada, incluindo faltas escolares não justificadas, falta de incentivo ao aprendizado e permissividade frente a comportamentos prejudiciais, como uso de substâncias. Tal negligência compromete o acesso ao conhecimento, favorecendo a evasão escolar, a exclusão social e a redução das oportunidades de inserção acadêmica e profissional. Todas essas formas de negligência comprometem o crescimento saudável e a construção da identidade infantil e juvenil.

A adolescência constitui um período de intensas transformações físicas, emocionais, sociais e cognitivas, sendo fundamental para a construção da identidade e da autonomia (Erikson, 1972; Papalia & Feldman, 2013). Nesse estágio, o jovem busca pertencimento, reconhecimento e aceitação, elementos essenciais para o desenvolvimento saudável. Conforme Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais, sendo indispensável que o ambiente escolar funcione como espaço de acolhimento, escuta ativa e suporte qualificado. A escola, além de promover a construção do conhecimento, desempenha papel central na mediação das relações e no fortalecimento emocional dos estudantes (Libâneo, 2012). Entretanto, a omissão institucional, seja afetiva, emocional ou pedagógica, compromete o desenvolvimento acadêmico e social dos adolescentes (Bronfenbrenner, 1996; Bock, Furtado & Teixeira, 2007).

A educação é direito fundamental garantido pelo Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), cabendo às instituições assegurar não apenas o acesso ao conhecimento, mas também a segurança, o bem-estar e a



integridade física e emocional dos educandos. A negligência escolar configura, portanto, violação de direitos e evidencia fragilidades nas políticas públicas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A omissão da escola diante das necessidades pedagógicas, estruturais e socioemocionais dos alunos contribui para a reprodução de ciclos de exclusão e aprofundamento das desigualdades (Arroyo, 2017; Silva, 2019; Pereira & Almeida, 2020; Carvalho, 2021; Freitas & Nascimento, 2020).

Dessa forma, torna-se imprescindível que a escola atue de forma articulada com a família, a comunidade e os serviços de assistência social, saúde e proteção, promovendo um ambiente educativo capaz de assegurar o desenvolvimento integral, a permanência e o sucesso escolar dos estudantes.

2.1 IMPACTOS DA FALTA DE COMPREENSÃO E NEGLIGÊNCIA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES

A ausência de compreensão por parte da escola e dos professores acerca das especificidades da adolescência pode gerar impactos negativos significativos. Quando o educador não reconhece as necessidades cognitivas, emocionais e sociais dos estudantes, estes podem apresentar desmotivação, ansiedade, insegurança quanto à própria capacidade de aprender e desinteresse pelas atividades escolares, resultando em baixo desempenho acadêmico. Vygotsky (2007, p. 101) reforça essa perspectiva ao afirmar que “o aprendizado desperta uma série de processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança está em interação com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus companheiros.”

Ao negligenciar as singularidades da adolescência, a escola contribui para a reprodução de desigualdades e limita o desenvolvimento da autonomia e da cidadania. Arroyo (2017) destaca que os sujeitos não chegam à escola como uma “folha em branco”, mas carregam experiências de vida, saberes e marcas sociais que devem ser incorporados à prática pedagógica. A falta de acolhimento, seja emocional, afetiva ou pedagógica, compromete a autoestima, as relações interpessoais e o desempenho escolar dos adolescentes.



Nesse contexto, é necessário refletir sobre a formação docente. Muitos professores não recebem preparo adequado para lidar com demandas emocionais e sociais, reforçando a lógica conteudista e despersonalizada do ensino. Tardif (2014) enfatiza que a formação docente deve integrar conhecimento pedagógico, saber experiencial e reflexão crítica sobre o contexto social da escola, favorecendo intervenções mais humanas e eficazes.

Além disso, a negligência escolar nem sempre é intencional, podendo decorrer de sobrecarga profissional, ausência de políticas públicas, precarização das condições de trabalho e carência de recursos pedagógicos e psicossociais. Assim, a responsabilidade não recai apenas sobre o professor, mas envolve toda a estrutura institucional e o compromisso intersetorial com a proteção da infância e adolescência (Libâneo, 2012; Silva & Oliveira, 2021).

Para enfrentar essas questões, é essencial implementar práticas pedagógicas centradas no estudante, como aprendizagem colaborativa e ensino por projetos, que promovam participação ativa, autonomia e vínculos afetivos. O cuidado com o adolescente requer esforço conjunto entre educadores, psicólogos, famílias e comunidade, envolvendo escuta ativa, acolhimento das emoções e criação de um ambiente seguro. Dessa forma, a escola pode se constituir como espaço de proteção, desenvolvimento integral e pertencimento.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE E SUA RELAÇÃO COM A NEGLIGÊNCIA ESCOLAR

Atualmente, observa-se escassez de estudos científicos que abordem especificamente a negligência escolar institucional, especialmente no que tange à atuação do corpo docente, da coordenação e da direção frente aos adolescentes. A maior parte da literatura existente concentra-se na violência escolar sob a perspectiva dos alunos, abordando questões como bullying, furtos e agressões, deixando em segundo plano uma análise crítica sobre o papel da escola, enquanto instituição, nas omissões que caracterizam a negligência.



Uma contribuição relevante para essa discussão é apresentada no artigo “*Cérebro do Adolescente: Em Construção*” (Colégio Americano de Pediatria, 2022), o qual afirma:

O lobo frontal, o centro de julgamento ou CEO do cérebro, permite ao indivíduo contemplar e planejar ações, avaliar as consequências dos comportamentos, avaliar riscos e pensar estrategicamente. É também o 'centro de inibição' do cérebro, desencorajando o indivíduo de agir impulsivamente. O lobo frontal, em última análise, desenvolve conexões com muitas outras áreas do cérebro, de modo que experiências e emoções são processadas através do centro de julgamento. O lobo frontal não amadurece completamente até aproximadamente 23-25 anos de idade.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o adolescente constitui um sujeito em contínuo desenvolvimento neurológico, cognitivo e emocional, o que explica, muitas vezes, suas atitudes impulsivas, contraditórias e de difícil compreensão. Nesse contexto, adultos como pais, professores, pedagogos e gestores, com maior maturidade emocional e cognitiva, assumem a responsabilidade de orientar, acolher e mediar as experiências desses jovens com paciência e empatia. Observa-se, paralelamente, um aumento significativo de comportamentos considerados inadequados nas escolas, tais como desrespeito às normas, uso de linguagem agressiva, desinteresse pelas atividades escolares, atitudes impulsivas e, em alguns casos, manifestações de violência.

Frequentemente, as respostas institucionais a esses comportamentos limitam-se a medidas punitivas e excludentes, muitas vezes fundamentadas em julgamentos subjetivos ou experiências prévias negativas com determinados alunos. Tal abordagem, ao invés de solucionar o problema, tende a intensificá-lo, reforçando o estigma de aluno “problemático” e agravando o sentimento de rejeição e incompreensão do adolescente.

Esse ciclo pode ser interpretado à luz da teoria do condicionamento operante de Skinner (1974), que postula que os comportamentos humanos são moldados por reforços positivos e negativos. A punição rígida e desprovida de diálogo tende a gerar distanciamento emocional do aluno em relação à escola, enquanto o reforço positivo, quando aplicado adequadamente, estimula comportamentos desejáveis, fortalece a autoestima e consolida vínculos afetivos entre educadores e estudantes.



Adicionalmente, muitos adolescentes vivenciam contextos de vulnerabilidade fora do ambiente escolar, como negligência familiar, violência doméstica ou pobreza extrema. Nesses casos, a escola pode representar o único espaço seguro e estável. Portanto, a ausência de suporte institucional contribui diretamente para a perpetuação de ciclos de exclusão social, evasão escolar e marginalização.

Conforme destacam Freitas e Nascimento (2020), é necessário que a escola vá além da análise do comportamento visível, considerando os contextos que atravessam os alunos. O espaço escolar deve permitir que o adolescente seja ouvido, compreendido e orientado, mesmo diante de expressões de dor, raiva ou resistência. Ignorar essas manifestações constitui uma forma de violência simbólica e institucional.

Diante disso, torna-se imprescindível repensar práticas pedagógicas e políticas educacionais, promovendo formação continuada dos profissionais, fortalecimento das relações interpessoais e articulação com a rede de proteção social. O cuidado com o adolescente exige esforço coletivo de educadores, famílias, psicólogos e comunidade, pautado na escuta ativa, na empatia e na construção de um ambiente seguro e humanizado. Assim, a escola poderá efetivamente cumprir seu papel de espaço de transformação, pertencimento e promoção da cidadania.

3 ACOLHER PARA ENSINAR: O VALOR DA ESCUTA E DO VÍNCULO NA EDUCAÇÃO

Para compreender o impacto da negligência emocional e educacional no desenvolvimento de crianças e adolescentes, é necessário recorrer a teorias que abordam a dimensão subjetiva da formação humana. A psicanálise, especialmente na perspectiva de Sigmund Freud, permite interpretar comportamentos desafiadores e bloqueios no processo de aprendizagem como manifestações de dores psíquicas não elaboradas. Segundo Freud (1996, p. 151), a psicanálise não busca verdades absolutas, mas possibilita transformações internas por meio da escuta e da elaboração de conflitos. Ele e Breuer (2016) destacam que o simples ato de falar tem efeito curativo, permitindo o acesso ao inconsciente.



No contexto escolar, a escuta sensível e acolhedora adquire papel educativo central. Muitos adolescentes não dispõem de espaços seguros para expressar angústias, medos e dúvidas; quando esses sentimentos são ignorados, podem surgir sintomas emocionais graves, como ansiedade, depressão, pânico ou comportamentos autodestrutivos. A repressão, segundo Freud, não elimina o problema, apenas o desloca para o inconsciente, de onde retorna com maior intensidade.

Assim, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e torna-se também um mediador emocional, alguém que escuta, acolhe e orienta sem julgamentos. Paulo Freire (1996) enfatiza que ensinar exige escuta, respeito aos saberes dos educandos e atenção à afetividade. Para Freire (1987, p. 62), o amor na educação é um gesto político e humanizador; sua ausência fragiliza a relação professor-aluno e pode configurar negligência educacional, comprometendo o desenvolvimento pleno do estudante.

Autores como Libâneo e Alves (2012) reforçam a importância do vínculo afetivo e da confiança, elementos essenciais para que a educação se constitua como instrumento de transformação social. Assim, integrar os princípios da psicanálise com a pedagogia humanizadora de Freire e Libâneo reconhece que ensinar não é apenas transmitir informações, mas cuidar, escutar e acompanhar o aluno na elaboração de suas dores e na construção de caminhos de superação. Quando a escola se posiciona como espaço de acolhimento, cumpre seu papel de formar sujeitos críticos, sensíveis e capazes de transformar a sociedade a partir da escuta e do afeto.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, complementada por observação em uma instituição de ensino e análise de conteúdo, com enfoque qualitativo, visando compreender o desenvolvimento de adolescentes e os efeitos da negligência escolar. O objetivo principal é aprofundar a compreensão do processo investigativo, considerando os métodos aplicados e sua relevância para o contexto escolar e para a vida dos estudantes.



A pesquisa bibliográfica possibilitou o levantamento e a análise de produções acadêmicas, estudos teóricos e pesquisas anteriores, oferecendo subsídios para interpretar criticamente as questões relacionadas à negligência escolar. A observação realizada em uma instituição de ensino teve como propósito captar as percepções dos alunos sobre o ambiente escolar e identificar situações que evidenciam a ausência de acolhimento, escuta e vínculo.

A análise dos dados foi conduzida a partir da articulação entre o referencial teórico e os conceitos abordados nas publicações selecionadas, bem como das percepções observadas no contexto escolar, permitindo uma reflexão crítica sobre os impactos da negligência e sobre as possibilidades de intervenções educativas mais humanizadas e inclusivas.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS ESPERADOS

4.1.1 A Importância da Família e da escola no desenvolvimento

A família desempenha papel central no desenvolvimento do adolescente, sendo a principal fonte de apoio para a construção da autonomia e da independência. Quando o jovem não se sente valorizado ou amado, podem surgir consequências graves, como quadros de depressão, comprometimento da aprendizagem ou até mesmo envolvimento com substâncias lícitas e ilícitas, prejudicando seu desenvolvimento integral. Pallet (2023) destaca que a família constitui o primeiro e mais essencial espaço de formação humana, no qual a criança, especialmente na primeira infância, internaliza valores e virtudes fundamentais para sua formação pessoal e emocional. Essa perspectiva reforça a relevância da família na constituição afetiva e moral do sujeito, influenciando diretamente seu desempenho escolar e suas relações interpessoais.

Autores como Jean Piaget e Lev Vygotsky enfatizam a importância da colaboração entre escola e família no processo educativo. Essa interação favorece a troca de informações sobre o desenvolvimento e comportamento dos alunos, promovendo suporte mútuo que impacta positivamente tanto o desempenho



acadêmico quanto o bem-estar emocional. O acolhimento conjunto é especialmente relevante quando o adolescente apresenta sinais de necessidade de apoio profissional, pois a investigação colaborativa das causas das dificuldades permite soluções mais eficazes e contribui para a superação de obstáculos no percurso escolar. Como observa Piaget (1964), “a afetividade e a inteligência são inseparáveis, ainda que distintas: toda conduta inteligente comporta elementos afetivos e vice-versa”. Vygotsky (1984, p. 98) acrescenta que “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã — ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. Juntos, esses autores evidenciam que a aprendizagem se constrói a partir da interação social e do equilíbrio entre dimensões emocionais e cognitivas, orientando práticas pedagógicas que apoiem o desenvolvimento integral do adolescente.

A sociedade contemporânea é marcada por exigências, cobranças e metas, que se refletem também no ambiente escolar. Muitos adolescentes enfrentam diariamente a pressão por resultados, o medo do erro e a ausência de escuta efetiva. Observa-se, concomitantemente, um distanciamento crescente entre educadores e educandos, resultado da desvalorização da profissão docente e da negligência institucional, que se manifesta de forma silenciosa, porém profunda, no cotidiano escolar. Mais do que transmitir conteúdos, o educador deve acolher, escutar, respeitar e transformar. A prática pedagógica, portanto, precisa ser crítica e sensível, formando não apenas estudantes competentes, mas indivíduos conscientes, capazes de enfrentar desafios de forma autônoma. Quando a escola prioriza apenas desempenho, notas e obediência, muitos adolescentes se sentem pressionados, desmotivados e excluídos do processo de aprendizagem.

A avaliação, quando usada como mecanismo de controle, pode gerar ansiedade, baixa autoestima, evasão escolar e sintomas emocionais, como depressão ou isolamento. Nessa perspectiva, a educação deve ser entendida como prática ética, relacional e afetiva, em que o docente reconhece cada estudante em sua singularidade e respeita seu tempo e limites. Paulo Freire (1996) afirma que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, reforçando o papel do professor como agente de transformação social e pessoal.



Libâneo (2012) complementa ao destacar que ensinar não se limita a transmitir conteúdos, mas envolve desenvolver no educando a capacidade de pensar criticamente e agir com responsabilidade.

A Psicologia Humanista, representada por Carl Rogers (1973), enfatiza a importância de um ambiente de confiança, empatia e aceitação, no qual o aluno se sente respeitado e encorajado a expressar suas emoções e dificuldades. Ao considerar as condições emocionais, sociais e culturais dos estudantes, o professor potencializa aprendizagens significativas, fortalecendo vínculos e promovendo o protagonismo juvenil. A negligência escolar, muitas vezes silenciosa, compromete a aprendizagem, a autoconfiança e a formação integral do adolescente. Para enfrentá-la, é imprescindível investir na formação docente que contemple ética, escuta, empatia e compromisso social. Educar, como lembra Freire, é um ato de amor, coragem e responsabilidade, resgatando o papel do professor como formador de consciências e construtor de futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a negligência escolar, muitas vezes invisível, exerce impactos significativos no desenvolvimento de adolescentes, afetando autoestima, motivação e saúde emocional. A ausência de escuta qualificada, a falta de acolhimento e o distanciamento entre família e escola contribuem para evasão escolar e comprometem a formação integral.

A fundamentação teórica em Freud, Piaget, Vygotsky e Freire permitiu compreender a importância do afeto, da empatia e do diálogo na prática pedagógica. A educação, quando pautada pelo cuidado e pelo respeito à subjetividade do aluno, torna-se uma poderosa ferramenta de transformação social.

Combater a negligência escolar exige o envolvimento articulado de professores, gestores, famílias e políticas públicas. A escuta ativa, o fortalecimento de vínculos afetivos e o reconhecimento da singularidade de cada adolescente são passos essenciais para a construção de um ambiente escolar inclusivo, acolhedor e formador de cidadãos críticos e conscientes.



REFERÊNCIAS

ANDERSON, J.E. **Cérebro do Adolescente: Em construção**. American College of Pediatrics. Maio de 2022.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M. G. **Impasses e desafios das políticas educacionais: juventudes e desigualdades sociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOCK, A. M. B. FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRONFENBRENNER, U. **Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CARVALHO, S. A. de. **Gestão escolar e proteção dos direitos da criança e do adolescente: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2021.

CABRAL, Neusa Chaves; CARVALHO, Maria Auxiliadora Monteiro de; RAMOS, Maria Inês Gandolfo Conceição. **Representações de alunos sobre a relação professor-aluno no ensino fundamental**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, p. 43-54, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/WKVZvxVPWfzjhTmpDphCCqR/>. Acesso em: 28 maio 2025.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. **ECA Comentado Artigo 17 | Livro 1 – Tema: Respeito**. Fundação Telefônica Vivo, 2025. Disponível em: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/eca-comentado-artigo-17livro-1-tema-respeito/#:~:text=O%20art.,dos%20espa%C3%A7os%20e%20objetos%20pessoais>. Acesso em: 31 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, S.; NASCIMENTO, E. **Educação, vulnerabilidade social e desenvolvimento humano: desafios para a escola contemporânea**. Revista



Brasileira de Educação, v. 25, e 250020, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/>. Acesso em: 28.mai.2025.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 23. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FREUD, S. Repressão (1915). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 151.

FREUD, S.; BREUER, J. **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. **Temas de pedagogia: diálogos entre ensino e aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2012.

PALLET, F. N. O. **A pedagogia do dom e da liberdade: da infância à adolescência**. São Paulo: Cultor de Livros, 2023.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, A. L.; ALMEIDA, M. J. **Negligência escolar e os desafios da inclusão: reflexões para a prática docente**. Revista Educação & Sociedade, v. 41, n. 152, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/>. Acesso em: 28.mai.2025.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 21. ed. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Forense Universitário 1999.

PFEIFFER, Leda Siqueira; HIRSCHHEIMER, Mônica. **Psicanálise e educação: fundamentos e práticas**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PFEIFFER, L.; HIRSCHHEIMER, M. R. **Negligência ou omissão no cuidar**. Procedente do II Fórum Paulista de Prevenção de Acidentes e Combate à Violência contra Crianças e Adolescentes/2007. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo, 2007.



ROGERS, Carl R. **Tornar-se uma pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

SAMPAIO, Polity. **Valores familiares e formação de caráter: impactos no processo de aprendizagem**. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 5, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/2443>. Acesso em: 30 maio 2025.

SILVA, A. R., & OLIVEIRA, D. A. **Trabalho docente e políticas educacionais: desafios contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, R. de S. **A escola e o dever de cuidado: limites e possibilidades na promoção dos direitos infantojuvenis**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REFERÊNCIA CINEMATOGRÁFICA

ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. [S.l.]: Paramount Pictures, 2007. 1 DVD (123 min), son., color.